

Ética e Educação: problemas de concepção

Francisco Gonçalves Filho e Maria José de Pinho¹

Resumo: Resenha do livro *Pós-modernidade, ética e educação*², de Pedro Goergen³, publicado na coleção "Polêmicas do nosso tempo" da Editora Autores Associados, Campinas, 2001.

Enganam-se aqueles que encararem este pequeno volume por sua aparência. Em uma centena de páginas notabiliza-se por conter um texto reflexivo, claro, objetivo e rico em informações sobre o debate atual da Pós-modernidade, da ética e da educação. Seguramente podemos afirmar que o tamanho do livro é inversamente proporcional ao tamanho das idéias, das temáticas e das relações travadas nestas páginas.

O autor inicia a obra posicionando-se quanto às reflexões que vem realizando. Informa que estas o tem aproximado das idéias de Jürgen Habermas. Em seguida resgata a herança do projeto iluminista moderno de sociedade, as principais críticas às promessas não realizadas e os desvios ou aporias deste projeto em sua construção.

Goergen coloca em diálogo o pensamento de representantes modernos e pós-modernos. Demonstra, em geral, o que há de comum e diferente nas concepções e críticas em temas como o do fim da história e da descrença nas metanarrativas, entre outros.

O autor articula e nos revela um significativo número de pensadores no que se refere à herança moderna e às críticas produzidas a ela, como: Kant, Descartes, Bacon, Nietzsche, Weber, Adorno & Horkheimer, Foucault, Lyotard, Habermas, Perry Anderson, Gianni Vattimo, McLaren, Giroux, Rorty, Lipovetsky, Cornelius Castoriadis, entre outros.

Goergen finaliza seu livro com perspectivas para a educação. Afirma que a educação participa destes processos históricos e pode ou não contribuir para o enfrentamento desta crise.

O conteúdo do texto está organizado em três grandes partes com quatro capítulos. A primeira parte, Capítulos I e II trata das características da modernidade, de sua herança e das idéias de seus principais pensadores. Também nesta parte, o autor apresenta os principais críticos das idéias da modernidade, tanto dos "ainda" modernos, quanto daqueles denominados pós-modernos.

Na segunda parte, iniciada no Capítulo III, o autor reflete sobre as implicações destas concepções para a ética. Contrapõe as proposições de Habermas com base na racionalidade comunicativa às de Lipovetsky defensor da tese de que vivemos uma época pós-moralista.

Na terceira e última parte, Capítulo IV e Conclusão, situa a questão da ética no campo da educação. Baliza as diferentes concepções em debate e suas potencialidades para o enfrentamento dos novos desafios colocados pela realidade.

1 Francisco Gonçalves Filho é aluno de mestrado da FE da UNICAMP e foi professor da UNITINS - Universidade do Tocantins. Maria José de Pinho faz Doutorado no Programa de Educação e Currículo da PUC-SP, é professora e ex-diretora de um dos campi da UNITINS - Universidade do Tocantins.

2 GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

3 Pedro Goergen. - Natural do Rio Grande do Sul, Licenciado em Filosofia e com Doutorado e Pós-doutorado na Alemanha. Professor titular na FE - Faculdade de Educação da UNICAMP Foi Diretor da FE e Assessor de relações internacionais da UNICAMP.

Goergen, por um lado, posiciona-se favorável à concepção de Habermas que, como Adorno e Horkheimer, reconhece as aporias, os desvios da razão moderna, sem abrir mão do conceito moderno de razão, isto é, da crença na construção racional de um projeto emancipador da humanidade.

Por outro lado resgata a concepção pós-moderna. Reconhece a importância de suas críticas aos limites e aporias da razão. E desfecha sua crítica a esta concepção na medida em que esta abre mão do projeto moderno de razão.

Em relação à questão ética, alerta que o debate remete a um dos temas mais atuais e profundos de nossa época, de grande relevância teórica e prática. Nesta discussão, o autor faz duras críticas aos princípios e práticas neoliberais que, em sua ânsia mercadológica e de competitividade, afastam e rivalizam os indivíduos.

Enfim, Goergen resgata o conceito de Modernidade, central nos embates teóricos travados. Evidencia a palavra-chave que procura explicar a emergência da modernidade ocidental, o *desencantamento* do mundo, trabalhados por Max Weber, Nietzsche, Heidegger, Adorno, Horkheimer e Foucault.

Apresenta a posição de Lyotard, que, com base nas teses foucaultianas, defende a idéia de que vivemos uma nova fase da história, pós-moderna.

Para o autor, essa corrente de pensamento pós-moderna, expressada aqui pelas posições de Lyotard teve e tem implicações sérias nos campos da ética e da educação. Se, por um lado, os pós-modernos contribuíram e contribuem para a denúncia dos limites e desvios da razão moderna, por outro, ao abrirem mão da razão radicalizam a crítica a seu máximo, sem no entanto apontarem caminhos ou saídas possíveis para um processo de reconstrução do projeto de emancipação humana. Herança de que o autor e as correntes modernas não abriram mão.

Goergen apresenta-se otimista. Acredita que estamos no limiar de uma nova consciência. Esta nova consciência é necessária ao enfrentamento dos extremos da última década, caracterizados pela globalização da economia, novas descobertas e usos das tecnologias da informação e da biogenética, as privatizações em larga escala, a difusão das concepções teóricas pós-modernas etc.

Para Goergen, o retorno ao debate de questões como a ética, a estética e a natureza são sinais de que esta nova consciência ganha força para neutralizar as ameaças à vida.

Para termos um panorama da obra passaremos a um comentário mais completo do conjunto das idéias aqui defendidas. Obedeceremos a própria lógica interna percorrida pelo autor, finalizando com sinalizações da importância desta para o leitor.

1ª parte - Capítulos I e II: “Da crítica à negação da razão moderna” e “O novo contexto: ‘Pós-moderno’ ” ?

Nesta primeira parte, o autor traça um importante panorama do movimento moderno em contraposição aos valores e às estruturas da sociedade medieval. Revela o projeto iluminista da razão moderna, de emancipação humana.

Este movimento se contrapunha à cultura teocêntrica e metafísica, dependente da autoridade da igreja. Preconizava uma cultura antropocêntrica e secular, com base humanista e renascentista. São pensadores significativos da origem da modernidade, segundo Pedro: Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596-1650), John Locke (1632 - 1704), Isaac Newton (1642 - 1727), Immanuel Kant (1724 - 1804), Hegel (1770 - 1831), Marx (1818 - 1881), entre outros.

Este movimento lançou os fundamentos da modernidade, caracterizou-se pela defesa da separação entre teologia e ciências (filosofia). Buscou a verdade a partir da experiência, do experimento e da matemática etc. Enfim, caracterizou-se pela crença ilimitada no domínio da razão, no metarrelato ou metanarrativa, no domínio da natureza e na fé no progresso.

Segundo essa crença, a história seria um processo de revelação progressiva e de auto-realização do espírito humano. O projeto da emancipação humana, pelo uso da razão, era uma questão de tempo, de desenvolvimento progressivo. O homem desvendaria os segredos da natureza, descobriria suas regularidades e a dominaria em seu favor pelas tecnologias desenvolvidas. A integração humana, antes garantida pela religião, seria agora uma função da política e a revolução industrial sua base material. Como escreveu Goergen:

“ Trata-se de um ‘giro radical’ da fundamentação transcendente para a fundamentação imanente do conhecimento: a fundação de uma nova racionalidade que com seus conceitos de ‘controle’ e ‘progresso’ iniciou uma marcha triunfal, hegemônica até hoje, ...” (pág. 18).

Esse movimento recebeu severas críticas dentro de sua própria tradição, a exemplo de Nietzsche (1844 – 1900), Heidegger (1889 – 1976), Horkheimer (1895 – 1973) e Adorno (1903 – 1969) e dos teóricos denominados pós-modernos. Escreve Goergen:

“ Estes autores, cujos pensamentos evidentemente não podem ser detalhados aqui, buscam desvendar a face oculta, negativa do projeto da modernidade, procurando mostrar que, ao lado de suas inegáveis conquistas no campo da ciência e tecnologia com consideráveis vantagens para o homem, exigiu dele sacrifícios imensos que, no limite, implicam a submissão total do ser humano.” (pág.19).

Na obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), Adorno e Horkheimer explicitam claramente a crítica às aporias da razão moderna. Esses autores escreveram que na tentativa da razão desencantar o mundo, de eliminar os mitos e substituir a imaginação pela razão transformou-se num poder sem limites.

Segundo Goergen, *Zweckrationalität* é o termo utilizado por Max Weber, para este tipo de racionalidade: a escolha de meios mais adequados para realizar fins predeterminados: *“O que importa não é o conhecimento em si, mas o conhecimento com seu atributo tornado essencial: sua utilidade.”* (pág.21)

O autor conclui esse ponto chamando a atenção para os perigos desta face da razão, a razão instrumental, que se antes estava voltada para a exploração e domínio desenfreado da natureza, hoje amplia essa exploração e domínio para a manipulação da própria vida humana.

É nesta conjuntura que ganham força e certa credibilidade as teses defendidas pelos pós-modernos, que, segundo Goergen, captam e relacionam a essência das crises e descobertas atuais com os limites e aporias da “promessa” da racionalidade moderna.

Goergen explicita inicialmente as idéias de Lyotard. Este acreditava que o projeto moderno foi liquidado e com ele as metanarrativas:

“ Na sua já clássica obra, A condição pós-moderna, Lyotard nos oferece uma definição muito sucinta do pós-modernismo : ‘ Pós-moderno é a incredulidade com relação às metanarrativas’ (1985, p. 8). ‘ A sociedade que se avizinha’, assim diz Lyotard mais adiante, ‘revela menos de uma antropologia newtoniana [...] e mais de uma pragmática das partículas da linguagem. Há muitos jogos de linguagem diferentes: é a heterogeneidade dos elementos. Eles permitem a instituição apenas por setores: é o determinismo local.’ E conclui: ‘ A incredulidade é tal que não se espera já dessas inconsistências uma saída salvadora, como fazia Marx’ (1985, p.9). ‘ A crítica de Lyotard aos metarrelatos iluministas implica uma negação tout court da idéia de progresso histórico em direção a uma sociedade melhor através do uso correto da razão, conforme está inscrito no âmago do projeto moderno. Na opinião desses autores vivemos uma época de coupure, ruptura de época.” (pág.29).

No sentido da crítica, Goergen estabelece uma relação de complementaridade e contraposição entre o pensamento de Habermas e Lyotard. Complementaridade no sentido da concordância entre modernos e pós-modernos na crítica à razão moderna por produzir uma auto-imagem de completude, de perfeição e verdade, justificando atos imperialistas ante outras tradições culturais. Contraposição ao pensamento pós-moderno, pois, para Habermas, o fracasso dos projetos emancipatórios modernos não invalidou os seus fundamentos teóricos.

A dissolução dos metarrelatos só teria sentido se houvesse outro para substituí-lo. A visão propugnada pelos pós-modernos leva a um relativismo, caindo na afirmação do subjetivismo e num relativismo social.

Goergen insere no debate concepções próximas ou o que denominou de variantes pós-modernas, com as posições de Richard Rorty e Gianni Vattimo. Demonstra em geral que não há consensos entre eles e que a contradição modernidade-pós-modernidade deriva de uma contradição instintiva da realidade.

Conclui esta parte afirmando que não basta uma interpretação como fazem os pós-modernos, mas garantir a possibilidade de intervenção, de reorientação da história. Isto é, da possibilidade da construção de um projeto social para uma sociedade mais justa, humana e feliz.

2ª parte - Capítulo três: Tempo de Pós-moralidade ?

Nesta parte, o autor indaga sobre a questão da possibilidade de se fixar orientações ou princípios gerais para o agir humano.

Destaca que nas últimas décadas, a questão da ética tem ganhado grande centralidade em quase todos os campos. Que há uma espécie de retorno da ética. Mas que este movimento guarda um paradoxo no que se refere às novas concepções que a suportam. Refere-se à emergência do debate da ética e o discurso pós-moderno do “fim de tudo”.

Goergen reflete sobre essa questão contrapondo a concepção moderna de Habermas (Ética do Discurso e Teoria da Ação Comunicativa) à concepção pós-moderna de Lipovetsky expressada na obra *Crepúsculo do dever*.

Segundo Goergen, a Ética do discurso foi originalmente fundada por K. O. Apel na década de 70 e Habermas a desenvolveu na década de 80 inserida no âmbito de sua *Teoria da ação comunicativa*.

Explicita que a Ética do discurso está orientada para o entendimento mútuo, para o agir comunicativo. É uma tentativa “*de superar o paradigma da filosofia da subjetividade e alcançar o da intersubjetividade.*” (pág.40).

Acrescenta que Habermas faz a distinção entre ação instrumental e ação comunicativa. Ação instrumental é aquela ação técnica que busca aplicar os meios adequados para a obtenção de determinados fins. É a ação típica dos subsistemas econômico e político mediados pelo dinheiro e pelo poder, os substitutos da linguagem. A ação comunicativa seria típica do “*Lebenswelt*” ou mundo da vida, mundo vivido; neste deveria dominar o agir comunicativo, o entendimento mútuo.

Para Habermas, o mundo sistêmico da ação instrumental colonizou o mundo da vida. A família por exemplo deveria ser mediada pela solidariedade e ação comunicativa e passou a ser mediada pelo poder e pelo dinheiro, pelo agir instrumental. Por isso defende a descolonização do mundo da vida.

A ação comunicativa é entendida como o espaço onde se pode questionar e validar valores, normas e estabelecer sanções. Segundo Goergen, Habermas distingue o discurso teórico do discurso prático (ético). O teórico é típico dos procedimentos das ciências, problematiza a verdade sobre os fatos. O prático ou ético problematiza a justeza e validade das normas, “*A validade de uma norma depende de um processo dialógico, racional (argumentativo) e democrático.*” (pág.45).

Para Goergen, Habermas reinsere a ética no horizonte da racionalidade. Reaproxima o mundo da natureza do mundo dos costumes. A legitimidade de uma lei ou norma é concebida como resultado de um processo coletivo, interativo, de comunicação livre. Por isso, de caráter universal.

Segundo Goergen, a proposição de Habermas é uma tentativa de, no campo da ética, resolver os dilemas a que chegaram tanto os representantes da “Escola de Frankfurt”, quanto dos pós-modernos em relação aos problemas da modernidade.

Em relação ao pensamento dos pós-modernos, destaca Gilles Lipovetsky com sua obra *Crepúsculo do dever* (1994). Goergen escreve que este pensador, além de desfechar sérias críticas ao pensamento de Habermas defende que há um novo individualismo, uma nova lógica de personalização que expressa um conceito de democracia guiado pela vontade individual e que, ao contrário de Habermas defende que em nossa época há uma sobrevalorização da realização pessoal.

Segundo Goergen, Lipovetsky aproxima-se de uma posição pragmatista, do argumento filosófico de John Dewey e Richard Rorty. A ética a que propugna é outra, com fundamentos filosóficos que negam a ética do dever.

Enquanto para Habermas o enfoque na ética passa pela fixação de limites (normas e regras), pelas relações intersubjetivas, para Lipovetsky a ética teria traços individualistas. Escreve Goergen:

“No entender de Lipovetsky, parece ter chegado ao fim a fase heróica e austera do dever e da obrigação, da exaltação das virtudes públicas e privadas, bem como da abnegação. A partir de meados do séc.XX presenciemos uma reversão do culto ao dever, do respeito à autoridade. As manifestações antiautoritárias da década de 1960 representam a manifestação externa do desejo de libertação do império da lei e a reconciliação com o prazer. O espaço do dever, da ordem, da obediência cedeu lugar ao desejo, à busca de felicidade, à voz dos sentidos” (pág.53).

A ética para essa concepção, escreve Goergen, caracteriza-se pelo cultivo de valores individualistas e hedonistas voltados para a realização pessoal, para o “self-love”. Contrariamente a essa concepção crítica o quadro apocalíptico dos pós-modernos e em especial a visão de Lipovetsky.

Goergen indica uma ética que se ancore na sociedade democrática, na intersubjetividade e no processo educativo: “*O problema maior, pelo menos do ponto de vista da ética, está na fundamentação dos códigos morais numa época em que tanto a filosofia do sujeito quanto as narrativas sociais parecem ter perdido a sua força. Habermas tenta recuperar essa dimensão do social fundamentando sua ética na intersubjetividade. Lipovetsky toma o partido do individualismo que ele denomina de ‘individualismo responsável’...*” (pág.58).

Enfim, o autor nos ajuda a pensar que, para o enfrentamento da questão da ética, é necessário distinguir qual a concepção de que está se tratando. De como se está concebendo o projeto da emancipação humana.

3ª Parte - Capítulo IV: Novas perspectivas para a educação

Nesta parte, o autor faz um profundo exame do significado da aceitação da tese pós-moderna em educação. Flexibilização curricular, localidade, multiculturalidade, desburocratização do currículo e da seriação dos conteúdos, individualidade, desregulação, privatização, auto financiamento, entre outros temas que surgem como alternativas educacionais num cenário político-econômico de orientação neoliberal.

Para Goergen, a tese pós-moderna acaba por colaborar com o processo de mercantilização da educação e da ética, pois, ao postular o fim de tudo, torna impotente a resistência necessária a este processo.

O autor defende que embora a visão pós-moderna tenha contribuído no diagnóstico do nosso tempo carece de maior fundamento a tese do fim da história e dos metarrelatos. Que este discurso torna-se resignatório e impede o ancoramento de uma prática pedagógica emancipadora e crítica.

A perspectiva apontada por Pedro Goergen para a educação envolve o reconhecimento e a importância do engajamento neste debate. Requer a afirmação da crítica já elaborada aos dogmatismos do passado metafísico, transcendentalista e autoritário, bem como a defesa de uma fundamentação ética com base na dialogicidade, na ética do discurso proposta por Habermas. Reafirma a interpretação das transformações na perspectiva do processo. Os valores e normas como históricos e habilitados constantemente pela prática discursiva. Escreve:

“...em termos educativos, que as novas gerações devem ser familiarizadas com as tradições ético-morais para, num processo racional/discursivo, internalizarem aqueles princípios que resultarem desse processo como convenientes para a comunidade e para os indivíduos.” (pág.80).

Isto implica para o autor, tanto no âmbito da escola como no da sociedade, a criação de um ambiente ético, democrático, justo e solidário. A família como os meios de comunicação social são apontados como co-responsáveis no processo formativo e educativo. O enfrentamento das barbaridades deseducativas que se processam nestes âmbitos deve compor a agenda de reação aos desmandos de nossa época.

Em suma, esta pequena obra pode auxiliar pesquisadores envolvidos em políticas públicas – Avaliação, Formação de Professores, Currículos, entre outras-, que, interessados em participar ou promover os debates em torno da ética, procuram referências para enriquecerem as reflexões.

Como analisamos anteriormente, esta obra trata com profundidade o significado do enfrentamento das questões éticas em nosso tempo. Trata também do necessário estudo e confronto entre concepções que tentam iluminar os problemas colocados.

Estabelecer as interfaces da ética com as políticas públicas, dentre as quais as educacionais, requer o esforço do debate e, sobretudo, um certo otimismo ou a crença na possibilidade da construção de um projeto social mais humano e justo.

Na perspectiva de colaborarmos para essa discussão, que nos parece inicial, gostaríamos de remeter o leitor à obra. Ao final da leitura, se divergirmos na interpretação desta poderemos convergir pelo menos numa proposição: o pequeno formato do livro não corresponde à grandeza de suas idéias.

GOERGEN, Pedro. Pós-modernidade, Ética e Educação, Editora Autores Associados, Campinas, 2001.

Caixa postal 6164 – CEP 13081-970. Campinas, SP. Pabx/fax: (19) 3289-5930

e.mail: editora@autoresassociados.com.br